

A música em casa: de que forma os pais participantes do Projeto de Musicalização Infantil da UFBA utilizam a música com seus filhos?

Angelita Maria Vander Broock
PPGMUS-UFBA
angelbroock@yahoo.com.br

Sumário:

Considerando a importância do canto direcionado ao bebê, o objetivo deste artigo é descrever como é feito o uso da música em casa com os pais e as crianças participantes do Projeto de Musicalização Infantil da UFBA, com idades entre 0 e 2 anos. Para coletar alguns dados significativos um questionário foi elaborado, sendo que 29 pais participantes do projeto o responderam. Através das respostas foi possível entender um pouco sobre a realidade musical das crianças em questão, para que, a partir disso, o professor possa preparar aulas de acordo com as experiências musicais prévias dos seus alunos.

Palavras-Chave: Educação Musical; Musicalização Infantil; desenvolvimento auditivo; canto direcionado ao bebê.

Introdução

Para elaborar aulas de música, é necessário que o professor esteja atento às necessidades dos seus alunos, através do conhecimento de suas fases de desenvolvimento e seu contexto sócio cultural. Uma pesquisa que está sendo realizada com alunos de 0 a 2 anos do curso de Musicalização para bebês da UFBA, dentre outros objetivos, busca conhecer o uso da música destas crianças em casa ou fora do contexto de sala de aula¹. Para saber estas informações, os pais dos pequenos responderam um questionário sobre suas experiências musicais, o uso da música em casa e, ainda, sobre o curso de musicalização. Desta forma, o objetivo do presente trabalho é descrever o tipo de repertório utilizado em casa e os momentos do dia em que a música está presente. Para isto, faremos uma breve revisão sobre o desenvolvimento auditivo das crianças e sobre o canto e a fala dirigidos aos pequenos, em seguida, analisar apenas algumas questões referentes ao repertório utilizado em casa e suas funções.

Desenvolvimento auditivo do feto

“O feto é capaz de reagir ao som aos cinco ou seis meses após a sua concepção” (Cole e Cole, 2004, pág 111). Durante muito tempo acreditou-se que os ruídos provenientes do corpo da mãe eram tão intensos que podiam mascarar a maioria dos sons externos. No entanto, recentemente descobriu-se que os fetos podem discriminar estes sons. Porém, ao ouvir os sons externos, estes passam através do abdômen da mãe e do líquido amniótico, desta forma, soam diferentes no útero do que fora dele (Cole e Cole, 2004).

Estudos sobre música revelam que alguns sons, como ataques das notas musicais, por exemplo, se perdem no fundo acústico, mas que o balanço entre agudos, médios e graves e o caráter da música sofrem pequenas alterações (Ilari, 2002).

De todos os sons, a voz materna é o que melhor se ouve durante a gestação, devido às vibrações transmitidas através de seu corpo. Pesquisas mostram que quando a mãe fala frases curtas em voz alta, é possível detectar mudanças na frequência cardíaca do feto (Cole e Cole, 2004).

¹ Vale ressaltar que este não é o objetivo central da pesquisa, no entanto é uma peça de extrema valia que auxiliará nas conclusões finais do trabalho.

Algumas experiências utilizando o registro da voz natural da mãe e sua voz filtrada para se assemelhar ao que o feto ouvia quando estava dentro do útero, revelam que os recém nascidos preferem a última (Cole e Cole, 2004).

Recém nascidos

Um bebê de até 3 minutos de vida pode ficar em estado de alerta e até mesmo chorar quando exposto a um ruído alto. Também poderá inclinar sua cabeça para a direção da fonte sonora, o que indica sua percepção ao som no espaço (Cole e Cole, 2004). Ao nascer, os bebês já demonstram sensibilidade a diversas propriedades do som, como altura e intensidade, por exemplo (Ilari, 2006). Do terceiro trimestre de gestação aos três meses de vida pós-natal, os bebês discriminam melhor os sons graves do que os agudos, provavelmente devido aos fluidos presentes em seu ouvido, que são absorvidos e expelidos durante os primeiros meses de vida (Ilari, 2006). Por volta dos seis meses os bebês passam a ouvir melhor os sons agudos do que os graves. Somente por volta dos dois anos de idade é que a audição da criança se torna mais equilibrada e, lentamente, até os 10 anos, se assemelha ao nível de um adulto (Cole e Cole, 2004). Sabe-se que entre o nascimento e os 10 anos de vida, as distinções entre alturas, timbres e intensidades se desenvolvem e se tornam mais refinadas (Ilari, 2005).

Com apenas três dias de vida os bebês mostram preferência e reconhecem a voz materna à de outra mulher, além de reconhecer histórias e canções ouvidas durante o último trimestre de gravidez. Estudos revelam que quando um bebê ouve a mesma música que ouvia durante a gestação, exhibe mudanças nos batimentos cardíacos e movimentos corporais (Ilari, 2002).

O canto e a fala dirigidos ao bebê

Os bebês conseguem distinguir os sons da fala humana de outros sons, e parece preferi-lo. Pesquisas na área da aquisição da linguagem mostram que as mães exercem um tipo de fala específica quando se dirigem aos seus bebês (Brás e Salomão, 2002). Este tipo de fala é diferente da fala normal, dirigida aos adultos. A mãe, imperceptivelmente, muda o registro de sua voz, que normalmente apresenta uma altura elevada, lenta e com pronúncia exagerada, conhecida como “fala do bebê” (Cole e Cole, 2004) ou “motherese” (Brás e Salomão, 2002). Isso traz um certo conforto para o bebê, de forma que ele sabe quando estão se dirigindo a ele.

Assim como a fala, o canto direcionado ao bebê também possui suas particularidades, como o uso do registro agudo, diminuição do andamento e uma qualidade expressiva (Ilari, 2006), que pode ser chamado de canto direcionado ao bebê (*infant-directed singing*). As canções das mães normalmente são atraentes e há uma expressividade facial acentuada, o que propicia uma maior fixação e atenção. Vale considerar que normalmente as mães favorecem um ambiente musical misturado com necessidades emocionais e de interesses das crianças, o que fornece um “andaime” para a aquisição de conhecimentos futuros (Trehub, 2001). Normalmente os pais são os primeiros cantores de seus filhos, e a música pode se fazer presente em pelo menos duas finalidades: relaxamento e entretenimento.

Alguns estudos mostram que dentre as funções do canto dirigido ao bebê está a de regular as emoções entre pais e filhos, porque através deste canto, as mães expressam emoção e afeto (Ilari, 2006). Vale ressaltar que os bebês estão atentos à expressividade vocal presente no canto dirigido, pois são capazes de diferenciar versões dirigidas das não dirigidas, ou seja, canções que foram gravadas sem a presença de crianças. Isso se deve ao fato de os pais mudarem a forma de cantar e trazerem as emoções à tona quando seu filho está por perto. (Trehub, 2001)

Repertório: o que os pais cantam?

Já vimos que os pais manifestam uma maneira particular ao cantar para os seus filhos. Mas o que eles cantam? Em quais atividades os pais utilizam música com seus filhos? Num estudo, Trehub (1997, citado em Ilari, 2006) comparou o canto direcionado ao bebê por pais e mães. Os resultados mostraram que as mães costumavam cantar as canções estereotipadas, simples e normalmente conhecidas e cantavam com certa regularidade. Já os pais cantavam músicas mais complexas, inventadas e nem sempre infantis, e não havia regularidade. Contudo, a pesquisadora notou o mesmo tipo de envolvimento, afetividade e expressividade nos cantos maternos e paternos.

Uma pesquisa realizada em Curitiba com 25 mães de bebês com idades entre 0 a 18 meses (Broock, 2004), revelou que 100% das mães tinham o costume de cantar para seus bebês, sendo que 52% cantavam

somente músicas dita infantis e as demais cantavam também músicas lentas, religiosas e as que ouviam no rádio. Nota-se que, como na pesquisa de Trehub, as mães também tinham o hábito de cantar músicas estereotipadas. Dentre as finalidades, 48% utilizavam a música para a criança dormir e brincar, 44% somente para dormir e 4% somente para brincar.

Mas em quais atividades os pais participantes do curso de Musicalização Infantil da UFBA utilizam música com seus filhos? Será que eles têm o hábito de cantar? Que tipo de repertório é utilizado?

Conforme já foi citado, uma pesquisa está sendo realizada em Salvador com as crianças de 0 a 2 anos do curso de Musicalização Infantil da UFBA. Para entender o universo destes alunos e saber como é feito o uso da música em casa com estes pequenos, foi elaborado um questionário com 32 perguntas direcionadas tanto aos pais quanto às mães a respeito de:

- 1) Informações gerais sobre a criança e seus pais (idades, nacionalidade, etc.);
- 2) Experiência musical dos que convivem com a criança;
- 3) Cultura Musical (se a criança está exposta à música de outras culturas);
- 4) Preferência musical (dos pais e da criança);
- 5) Criança (como é feito o uso da música em casa);
- 6) Os pais e a música (memória musical dos pais, de quando eram crianças);
- 7) Curso de musicalização da UFBA (Mudanças no comportamento da criança após o início das aulas, bem como a opinião dos pais sobre o funcionamento do curso).

Obtivemos respostas de 29 pais, sendo 17 de meninas e 12 de meninos. Tendo em vista que o propósito deste artigo é discutir o uso da música em casa, iremos analisar as questões referentes à criança.

O estímulo musical pode partir de artigos musicais, como CD's, DVD's, brinquedos sonoros e até mesmo instrumentos musicais. Em relação à aquisição destes artigos musicais pode-se notar que dos 29 alunos, 28 possuíam artigos musicais, como CDs diversos, incluindo Palavra Cantada, Bebê Einstein, Cantigas de Rodas, etc. (86%), DVDs diversos, incluindo Cocoricó, Bebê Mais e Xuxa (83%), brinquedos sonoros diversos (83%), e instrumentos musicais (79%). Destes instrumentos pudemos notar a presença de instrumentos de teclas (piano, teclado e xilofone), chocalhos (chocalhos, caxixis, maracas), percussivos (bateria, pandeiro, tambor, djembê), cordas (violões e guitarras), flauta doce, gaita e xequerê. No que diz respeito ao uso da música em casa com os pequenos, 100% dos pais disseram fazê-lo, em atividades diversas, como: dormir (69%), acordar (38%), comer (38%), tomar banho (55%), brincar (93%) e outros (13%). Nota-se que as atividades dormir e brincar foram as mais citadas, ou seja, as funções relaxamento e entretenimento estão fortemente presentes no dia a dia dessas crianças.

Quando se perguntou se os pais tinham o costume de cantar para seus filhos obtivemos as seguintes respostas: 28 mães disseram ter este hábito, enquanto apenas uma mãe disse não ter; 22 pais disseram cantar para seus bebês, enquanto um disse não cantar e os 6 restantes não responderam. Estes resultados sugerem que, como na pesquisa de Trehub, as mulheres envolvidas com o projeto de musicalização cantam com mais regularidade que os homens.

Dentre os estilos das músicas cantadas, pôde-se notar uma presença muito forte das músicas infantis estereotipadas, ou seja, músicas simples e normalmente conhecidas (86%) e, com menores proporções, também se encontraram canções de ninar (13%), MPB (13%), canções inventadas (13%) e religiosas (13%). É muito interessante notar que algumas mães disseram inventar músicas, inclusive colocando o nome do filho na "brincadeira". Segundo Trehub (2001) é muito comum aspectos improvisados serem incluídos nas letras das músicas cantadas pelos pais. Esta variação se dá de acordo com a finalidade de cada atividade, seja para brincar ou acalmar. Estas mudanças são apropriadas para o desenvolvimento das crianças.

Quisemos saber as razões que levam os pais a escolherem este repertório para usarem com seus filhos. Dentre as respostas, alguns falaram sobre questões de afetividade e relacionamento que a música proporciona (17%), por acreditarem ser a música mais adequada (13%), por transmitir alegria e felicidade (13%), porque tanto os pais quanto os filhos se identificam com as músicas (24%), porque acreditam que estas músicas estimulam o desenvolvimento (20%), porque fazem parte do dia a dia naturalmente (6%), porque são músicas fáceis (6%), porque são músicas próprias para a execução de tarefas (6%).

No que diz respeito ao interesse dos pais em aprender músicas novas para cantar para seus filhos, 23 casais disseram ter essa preocupação, enquanto 6 não mostraram interesse algum. Interessante perceber que dos 23 casais todas as mães mostraram tal interesse, enquanto somente 12 pais o fizeram. Entre o repertório citado por eles pudemos extrair as músicas do curso de Musicalização, Cantigas de Roda, infantis

de forma geral, e ainda, músicas de grupos como Palavra Cantada, Patati Patatá, Balão Mágico, Xuxa, além de músicas espanholas e canções da compositora Alda Oliveira.

Conclusões

De acordo com a análise das respostas do questionário foi possível entender um pouco sobre a realidade musical das crianças em questão. Desta forma, o professor tem a possibilidade de preparar aulas de acordo com as experiências musicais prévias dos alunos, partindo do que eles já sabem para um universo musical mais amplo.

O trabalho de musicalização para bebês visa uma continuidade no âmbito familiar. Portanto, é papel do professor incentivar os pais a realizarem as atividades em casa. Para isto, durante as aulas, o educador musical deve estimular os pais a cantarem e interagirem com seus filhos, considerando a importância do canto direcionado ao bebê. Desta forma, a música poderá se tornar um forte elemento na relação entre pais e filhos. Segundo Ilari (2005), o desenvolvimento cognitivo-musical normalmente está associado a diversas funções psico-sociais como comunicação, inclusive a emoção, entre crianças e adultos.

Também é necessário considerar que as aulas de musicalização podem exercer mudanças nos comportamentos das crianças. De acordo com um questionário aplicado aos pais participantes do projeto em 2006, pode-se constatar que as crianças, de um modo geral, demonstraram grandes transformações no seu comportamento após o ingresso nas aulas de música. Segundo os pais, as crianças passaram a cantar e dançar mais no ambiente familiar, alguns tiveram uma melhora significativa na atenção, socialização, coordenação motora, autonomia, iniciativa, expressão corporal, improvisação, ritmo, vontade de tocar instrumentos para acompanhar o que estão cantando, curiosidade, melhora na aquisição da linguagem e do vocabulário e, principalmente e de um modo geral, as crianças se mostraram mais felizes (Broock, 2007).

Todas as considerações citadas neste artigo têm implicações diretas para a Educação Musical, especialmente para professores de música na Educação Infantil.

Referências bibliográficas

- Braz, Fabíola de Souza & Salomão, Nádia Maria Ribeiro (2002). A Fala Dirigida a Meninos e Meninas: um Estudo sobre o Input Materno e suas Variações. *Psicologia : Reflexão e Crítica*, Paraíba, 333-344;
- Broock, Angelita (2004). *O relacionamento entre as mães, os bebês e a música*. Curitiba, 22f. Trabalho de Graduação (Licenciatura em Música) – Setor de Humanas, Universidade Federal do Paraná.
- _____. (2007). A influência da música no comportamento de crianças participantes do projeto de musicalização para bebês na UFBA In *Anais do 3º SIMCAM. III Simpósio de Cognição e Artes Musicais*, Salvador, 21 a 25 de maio, 651-657.
- Cole, Michael e Cole, Sheila (2004). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed. Trad. Magda França Lopes, 4ª edição
- Ilari, Beatriz (2002). Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, 83-90.
- _____. (2005) A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação, fatos e mitos. In *Anais do 1º SIMCAM. I Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais*, Curitiba, 31 de março a 3 de abril, 54-62.
- _____. (2006). Desenvolvimento cognitivo-musical no primeiro ano de vida *Em busca da mente musical, Ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção*. Curitiba: Ed. UFPR. Beatriz Senoi Ilari (organizadora). 271-302.
- Trehub, Sandra E. et al. (2001) *Psychology of Music*. Laura Macy (on line editor). New Grove II on line <www.grovemusic.com/shared/views/article.html> acessado em [29/06/2002]